

## NEM VÍRUS, NEM FOME: POR UMA ÉTICA DA VIDA

Isaac Fonseca Araújo<sup>1</sup>

Até o instante em que escrevo mais de 450 mil brasileiros já se foram. Descansem em paz! A todos, em alguma medida, devemos desculpas. Não seria doloroso se fosse uma “gripezinha” e já tivesse passado. Não é. E nem passou. Especialistas da Fiocruz já alertaram para uma possível “terceira onda”, alimentada pela morosidade no processo de vacinação e insuficiência de isolamento social.

Aqui, uma explicação e uma denúncia reclamam nossa sensibilidade. Isolar-se, para muitos, é um verbo luxuoso. E luxo é algo que eles não conhecem. Apenas um caminho lhes resta: sair às ruas, todos os dias, aventurando-se a buscar o pão em algum bico remunerado. Pior do que estes são aqueles que nem mesmo um teto possuem, que dirá a opção de nele refugiar-se até que a transmissão do vírus seja controlada.

O que priorizar – perguntam alguns –, a renda ou o distanciamento? Os dois. Simples assim. Basta que os trabalhadores sejam indenizados pelo Estado a fim de cumprirem medidas de isolamento. E, acredite, há recursos para um auxílio financeiro decente, o problema é com quem fica a riqueza produzida pelo trabalho humano. Com os que a produzem certamente não é, basta ver o lucro líquido conjunto de Bradesco, Itaú, Banco do Brasil e Santander no primeiro trimestre de 2021, da ordem de 18,6 bilhões, o que representa uma alta de 35,2% na comparação com o mesmo período do ano passado, conforme dados da Economatica.

Tão grave quanto essa injustiça é a violência simbólica que a justifica, imposta aos *de baixo* pelos donos do poder sob o argumento de que “o país não pode parar”, de que é preciso “salvar a economia” para que o trabalho continue gerando renda. É este discurso, cuja lógica é a primazia do lucro sobre a vida, que produz conflitos entre diferentes segmentos populares, o eterno bate-boca sobre o que é mais importante: a saúde ou a economia, como se não fossem possíveis, concomitantemente, o isolamento e a remuneração.

A mesma lógica explica o fiasco na vacinação: a dispensabilidade da vida daqueles que, para o capitalismo, não possuem valor senão pela força de trabalho. Esta é uma hora para se dar conta de que, num mundo informado no ideário do capital, até os mecanismos de saúde pública são tratados como negócio, portanto, obedecem a uma racionalidade de mercado. No caso brasileiro, não obstante, ainda temos de lidar com o negacionismo e toda sorte de obstáculos criados pelos que o adotam como política.

---

<sup>1</sup> Professor, poeta, escritor; mestre em Ciências Sociais e doutorando em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Nega-se o pão, nega-se a proteção, nega-se o oxigênio. A vida tem sido negada; nada é natural, tudo é produzido, ideológica e politicamente, como parte de um projeto de poder em que se revela a ganância desmedida dos que, já banhados na fartura, não se dão por saciados até que os últimos frutos da terra lhes sejam entregues.

Tratei destes aspectos para recuperar um sentido caro entre os que a experiência humana exprime: toda crise ensina. Por mais catastróficos que sejam os seus efeitos sempre haverá aprendizados a retirar dos escombros. Até mesmo o coronavírus possui uma pedagogia, uma “cruel pedagogia”, como prefere Boaventura de Sousa Santos (2020). Que nos ensina esta cruel pedagogia?

Fico apenas com dois elementos. Um diz respeito ao que considero o significado maior por detrás da ação do vírus; o outro, ao papel do Estado (dos governos, em especial) no enfrentamento à pandemia.

Para mim, Ailton Krenak (2020) resumiu com precisão o mais relevante sentido pedagógico do novo coronavírus ao sugerir que fomos colocados no “cantinho do pensamento”. Há uma mãe amorosa que quer nos dizer, quem sabe, “Filho, silêncio! Pare um pouco e pense nas suas atitudes”. Não é que nossa Mãe Terra não nos queira bem, ao contrário, é por tanto nos amar que nos quer “ensinar alguma coisa”. Se há um significado positivo no que chamamos de isolamento social creio que seja este.

Lembro-me das palavras do Papa Francisco (2015, p. 09) referindo-se à nossa casa comum. Ela chora “o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la”. Hoje, essa violência se manifesta “nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que ‘geme e sofre as dores do parto’” (Rm 8, 22). Categórico, Francisco nos lembra: “esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra” (cf. Gn 2, 7) (ibid.).

De outro lado, a crise pandêmica desmascarou as contradições de um Estado neoliberal. O fato é que, a atual “versão do capitalismo sujeitou todas as áreas sociais – sobretudo saúde, educação e segurança – ao modelo de negócio do capital, ou seja, a áreas de investimento privado que devem ser geridas de modo a gerar o máximo lucro para os investidores”, como analisou Boaventura Santos (2020, p. 24). Trate-se de um “modelo que põe de lado qualquer lógica de serviço público” (ibid.), ignorando princípios de cidadania, os direitos humanos e da natureza.

Em meio a esses desafios gosto de pensar que somos coautores da esperança, sujeitos do verbo esperar. É assim que devemos fazer a travessia do sofrimento à utopia numa trajetória de lutas e aprendizados em que, pouco a pouco, vamos amadurecendo, nos reinventando. Eis um caminho para re-conhecer que somos terra, filhos, não seus proprietários ou exploradores. Entretanto, só consciência não basta. É preciso uma atitude de protesto e denúncia contra toda ação, de agentes e instituições, que produz morte.

Temos de nos levantar e dizer, em alto e bom som: nem fome, nem vírus. O que nosso tempo exige é uma ética da vida, uma ética que torne a vida “sustentável”, “caminho para recriar sentidos existenciais”, como diria Enrique Leff (2015, p. 446). Uma ética, enfim, para questionar e romper com a “racionalidade econômica e instrumental que se incorporou no ser humano moderno” (ibid.) tornando-se antitética ao propósito da sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução Lúcia Mathilde Orth. 11ª ed., - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Papa Francisco. Carta Encíclica *Laudato Si'* do Santo Padre Francisco sobre o *cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2020.